



Infanta D. Eulalia de Hespanha, que esteve ha dias em Lisboa

N.º 220 Lisboa, 9 de Maio de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4800 réis — Semestre, 2800 réis
Trimestre, 1800 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SEGURO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redação, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão *R. Formosa, 43*

RIO DE JANEIRO

Hotel Avenida



O maior e mais importante do Brazil occupando todo o quarteirão. Elevadores e telephones electricos em todos os andares.

220 QUARTOS

Magnificas accomodações, salões para visitas, leitura e banquetes. Diaria de 9,000 reis para cima. Telephone 2873. Ender. telegraphico Avenida.

SOUZA, CABRAL & C.^a

AVENIDA CENTRAL, 152 a 162

Ponto de todos os bonds

Annexo: METROPOLE HOTEL, no mais bello e saudavel arrabalde da Capital em magnificas accomodações para familias e cavalheiros. Rua das Laranjeiras, 519.

23 a 173 frs.

por semana, a honrei
senhoras e jove s. M
to honroso, faci, m
necessitando nenhuns conhecimentos especiaes. Venda as
gurada. **A. H. HORTON** — 56, Rue Carvès, Gran
Montrouge (Seine) — FRANCE.

Coke inglez

Para cozinha O mais economico

R. CONCEIÇÃO, 17, 2.^o

TELEPHONE 1738

PARA ENCADERNAR A Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em peralline de phantasia pa encadernar o **segundo semestre de 1909** da *Ilustração Portu guesa*. Preço, 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para semestros anteriores. E viam-se para quem quizer e ponho a quem as quizer. A importancia p-de ser remittida em vale do correio sellos em carti registada. Cada capa vae acompanhada do indice frontespicias respectivos.

Administração do **SEculo**—LISBOA



Agencia de VIAGENS ERNST GEORGE SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

**Viagens ao Egypto e no Nilo.
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte**

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotéis.

RUA BELLA DA RAINHA, 8—LISBOA

Viagens baratissimas
á TERRA SANTA

UM SPORT LUXUOSO A CAÇADA AO VEADO.



No pateo senhorial juntam-se logo ao romper d'alva os caçadores. São as lindas mulheres com os seus trajos de amazonas, nas cabeças os tricornes agaloados, que lhes dão ares de galantes guardas de corpo, nos seus cavallos de pescoços finos, segurando nervosamente o chicotinho e rindo á alvorada; são os caçadores já experimentados, com as redes da montada passadas no braço, mordiscando um charuto e falando d'outras caçadas



semelhantes; são os monteiros com as suas librés, onde o primeiro raio do sol fará reluzir chapas armoriadas e toda aquella gente, na manhã que vae abrir-se, se dirige para o logar de reunião com os corações acs saltos, como se fôsse para uma entrevista de amor.
As matilhas já partiram bem atreladas, os cães de focinho baixo farejam; ouvem-se os seus ladridos ao longe, na coutada; as mulheres riem



1—O rendez-vous de caça. 2—A partida da matilha para o ataque.

e entabulam pequenas conversas, já sentadas nas sellas. Começam a trotar os cavallos; tinem as lacas de matto dos monteiros, os picadores vão na frente n'uma galopada; ouve-se o ranger das sellas novas e as vozes dos batedores aguardando ordens na clareira.

O veado desperta côdo; deve estar cheio de desconfianças. Aquelles são os ruidos seus conhecidos e que desde epochas remotas os animaes da sua raça tem escutado. A sua cabeça fina apparece ornada com os ramos corneos no fundo verde da floresta; tremem-lhe nervosamente as pernas; aspira com força o ar, como a querer farejar os caçadores.

Ouve-se o primeiro som da trompa. E' o desencovar do veado. Os caçadores riem;



andára analysando na floresta os excrementos do veado, que variam conforme a idade e as estações, a fim de saber a qualidade de inimigo que devia indicar a seus amos. Andára tambem observando os ramos partidos junto ao covil, os que estavam afastados a fim de marcar a altura do veado e a largura das suas armas.

Quando chegou julho, o monteiro não socegou. Os seus olhos affeitos á floresta detiveram se a vêr nos troncos das arvores os signaes que os veados ali deixaram ao esfregarem os paus para lhes tirarem a pelle que os envolve. As arranhaduras deixadas na arvore indicam a quantidade de galhos; a idade do animal. Os ramos derrubados servem



Através da floresta

mettem os cavallos a galope. O animal sahiu. Agora é perseguido. As trompas de caça tocam; ladra a matilha; tudo aquillo corre, os cães de pescoço estendido, o veado n'uma carreira, ao longe, para parar a vê-los, attento, a cabeça no ar, inquietamente, mas paralyzado como uma linda escultura.

O grande trabalho que deu aquella caçada! Que tarefa preparatoria se fez para as damas irem a galope no cerco ao animal deixando esvoaçar os seus vestidos d'amazonas, os seus veus, as suas plumas, para que os homens o persigam ousadamente e para que toda aquella alluviaõ fardada se excite com o fim de destruir o veado que as trompas de caça despertaram ao raiar da manhã no seu fojo.

Já no tempo das seccas o monteiro

para mostrar o rasto; as pé-gadas impressas na terra são o indicio da direcção e esses signaes de andadura deixam logo saber qual o inimigo.

Os senhores precisam conhecer tudo. Não querem que a sua caçada seja sem interesse; não querem tambem surpresas. O monteiro que trabalhe, que os informe de vespera para irem satisfeitos n'essa madrugada, ao galope da montada, ao som das trompas, sorrindo ao vêrem as lindas mulheres afogueadas.

O monteiro diz tudo. No fundo da floresta está um veado de dez esgalhos. Viu impressos na terra os seus passos se notou que o pé de deante era maior que o de traz. Mas tambem uma linda corça por lá anda, deixou signaes da patinha pequenina a indicar que andou por ali aos saltos n'uma festa com a prele.



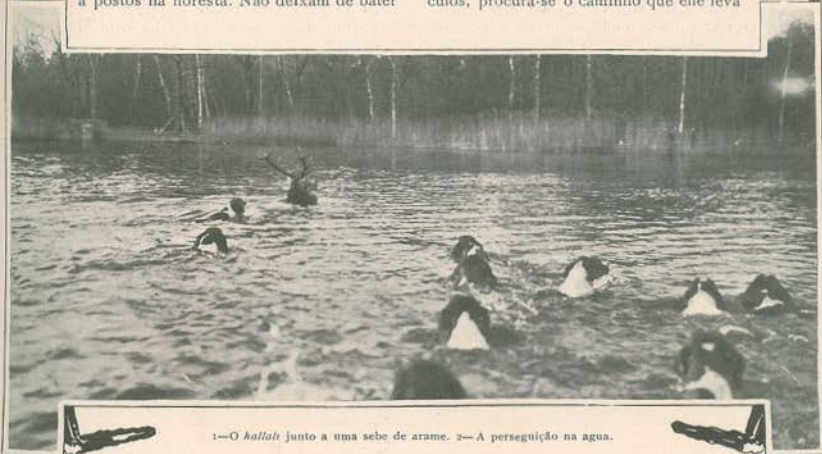
O veado de dois annos não faltou á reunião. Veiu d'outro ponto da floresta onde estava encovado. Não pode fazer desaparecer os signaes dos seus pés eguaes em pequenez aos das corças, mas com unhas agudas. Lá estão marcados. A caçada vae ser boa. Ainda vinham longe os primeiros laivos da manhã já o monteiro partira a emprazar o bicho maior no seu covil; o criado dos cães, com o melhor da matilha, vae rodeando. Dá-se o signal. Tudo a postos na floresta. Não deixam de bater



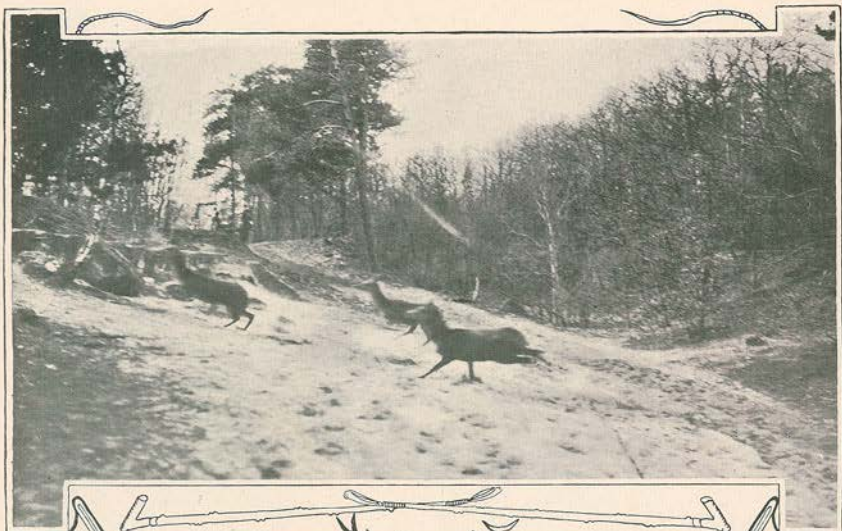
os corações. Agora, como no tempo do feudalismo, aquillo é uma tarefa dos reis e dos poderosos; a mais elegante das caçadas com as suas phases aristocraticamente consagradas.

Ouve-se outro toque de trompa. Começa a perseguição.

Aquelles sons que acordam os rouxinos nos seus ninhos dizem aos caçadores a idade do veado, todas as suas qualidades, revelam o inimigo e corre-se nos bosques, saltam-se obstaculos, procura-se o caminho que elle leva



1—O *hallali* junto a uma sebe de arame. 2—A perseguição na agua.



seguido pela matilha excitada. Os cães ladram, correm, esfalam-se. Rompeu o sol. Luzem os galões das fardas dos criados e as facas de matto. Rebriham as trompas recurvadas que vão sempre indicando as fases da caçada.

O veado passou n'uma corrida violenta. As suas armas apparecem agora no mattagal, logo é todo o seu nervoso corpo que surge n'um planalto; os cães fariscam, correm, cercam e elle baixa a cabeça para ir abrir caminho n'uma furia e precipitar-se n'um lago, pôr-se a nadar n'uma linda toalha de agua. logo tur-



vada, desejoso de fugir. E de novo as trompas annunciam que o bicho se lançou á agua. De cousa alguma isso lhe serve; a matilha é boa; já não o desampara. Dentro em pouco as vozes metallicas dos instrumentos annunciarão á floresta que elle está perdido; á corça que o veado morrerá. Ella porém surge tambem com a sua agilidade e com a sua elegancia; atira-se para o cerco emquanto o macho vae nadando e os cães, na rampa do lençol de agua, o olham aguardando o signal. Mas de repente toda a matilha se atira com



1—A uga deante das matilhas
2—O recolher das matilhas

denodo para a caça; vêm-se as boccas vermelhas dos cães á superficie da agua, as orelhas pendidas, as boccas vermelhas e sofregas. Um novo salto do veado para a orla do lago; sacode-se, vae correr. Em volta a matilha ladra; o circulo é cada vez mais estreito, já os dentes finos d'um mastim mais ousado se lhe cravaram na carne. Estremece-se de alegria em toda a floresta. As trompas anunciam que o animal vae morrer. Elle, porém, defende-se ainda, arremette com a matilha, procura romper o circulo. O monteiro carrega a sua carabina, aponta e o veado cae morto quasi sempre ao primeiro tiro.

Hallali! Hallali!... Grita-se nos bosques! As trompas noticiam aos caçadores que o veado morreu e que vae começar o regabofe. Já o monteiro cortou a pata direita do veado para offerer ao convidado de maior categoria.

Abrem-se os animaes mortos e dão-se em pasto aos cães as suas entranhas fumegantes, n'uma paga de tanta canceira, ou então levam-nas para o pateo senhorial, ao fim da caçada, quando a noite cae.

Os criados empunham archotes; as



trompas tocam ao regabofe frio; os cães vão devorando vorazmente aquellas carnes, ladram, batem-se e as ladrões misturam-se com a algazarra dos criados, com o som das musicas n'aquelle luar vermelhusco dos archotes. Tudo aquillo, mesmo feito com os trajos modernos, tem todo o ar d'uma scena anti-

tiga, não só pelo sangrento repasto dos cães, mas tambem pelos servos aprumados, pelo ruido quasi guerreiro das cornetas e evoca antigos parques, intrigas de

côrte, amores que sempre se firmavam no decorrer das caçadas e que ás vezes acabavam pela retirada da dama para a clausura a chorar um erro ou por collocar na sua cabeça a corôa imperial, o que succedeu a Eugenia de Montijo.

E' talvez com tudo isto que as gentis caçadoras, encostadas ás varandas de pedra, soñham, fatigadas pelo exercicio do dia, com um pouco de pó d'arroz a disfarçar-lhes a pallidez, vendo os cães arremetter ferozmente contra as entranhas do inimigo, emquanto a lua sobe vagarosamente no céu.



1—As honras do pé. 2—Perdido!...

(Clôchê de Royer)

FOOT-BALL

NO LUMIAR

No desafio de *foot-ball*, realizado no campo do Lumiar entre os grupos *inglez* e *portuguez*, ficou este vencedor por tres *goals*, o que representa uma grande vantagem alcançada sobre tão eximios jogadores.



1—O infante D. Afonso assistindo ao match. 2—As equipes portugueza e ingleza.
3—Uma passagem. 4—Uma avançada. 5—Um intervalo do jogo.

(Clickés de Benoiel)

O Novo Espartilho

Mais uma vez se modificou o espartilho. A velha armadura de ferro enfeitada com bordados, do tempo de Catharina de Medicis, tem soffrido milhares de transformações, mas não desaparece jámais. A mulher estima-a como a uma arma de elegancia. Os tempos passam e o espartilho fica. Elle foi o supplicio ferreo, depois o collete garrido da epoca da Pompadour, para tomar a elegante fórma do periodo de Maria Antonietta e que tanto aprumo dava ás damas como se vê nos lindos retratos do tempo.

A propria revolução não poude coisa alguma contra elle. Pendurou nos lampiões muitos aristocratas, levou muitas



1—O espartilho visto de costas
2—O espartilho visto de frente
(Clichés Delius)

formosas mulheres á guilhotina, e ellas, mesmo para a morte, se apertavam no espartilho, que seria ainda moda na nudez quasi completa do regabofe do Directorio. Não acaba. Tem soffrido modificações, é certo, mas eternisa-se.

O mais moderno é o que publicamos: E' o espartilho americano. Alongou-se, chega quasi até aos joelhos com as suas rendas, tem uma enorme flexibilidade o seu estofo elastico não prende os movimentos e dá á mulher a fórma convencional da moda, que nenhuma senhora, por mais elegante que seja, deixará de querer apresentar.

Appareceu, pois, o espartilho americano, comprido, que se vae usar, até que outra moda chegue a aniquilar esta.

Voltar-se-ha ainda para a antiga armadura de ferro, que era um supplicio, tornar-se-ha a usar o lindo collete bordado do seculo galante, ou a faixa do tempo dos romanos?! Não sabemos. Por agora a moda é o exemplar cuja photographia offerecemos ás nossas leitoras.



As discipulas da professora de piano sr.^a D. Lucilla Manoela
Moreira e do professor de bandolim sr. Manuel Gomes
que deram o concerto no Salão da *Illustração*
Portuguesa em 24 de abril—(Cliché de Benoiel)



O ex-presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, de passagem em Paris,
na sua visita aos *Invalidos*, onde, como se sabe, se acha
o tumulo de Napoleão.
(Cliché da World's Graphic Press)

UM CLUB LUSO-BRAZILEIRO DE ESTUDANTES NA ALLEMANHA.

Ha em Mittweida, na Allemanha, um cantinho onde tem um grande echo as cousas de Portugal e Brazil, onde as almas generosas e moças d'alguns estudantes dos dois paizes vibram na mesma intensidade de paixão. Chama-se o Club Luso-Brazileiro, é formado por estudantes nossos compatriotas e brazileiros que all estão fazendo os seus cursos. Em 1909 fundou-se esta aggremação; o grande iniciador do movimento foi um rapaz, que actualmente é engenheiro, chamado Gustavo Zorrila de Avila Perez, tendo como cooperadores os srs. Henrique Chaves e Pedro Concha Morgado.

A quota mensal do club é de tres marcos e ha um grande numero de socios externos espalhados por todo o mundo e que pagam d'uma só vez cinco marcos. Em 1 de janeiro do presente anno fizeram-se as festas do primeiro anniversario, que foram de veras brilhantes e a que assistiram delegados dos clubs mais cotados de Mittweida.

Os socios do club frequentam na sua maioria o Technico de Mittweida, que é a mais antiga escola do seu genero na Allemanha e foi



fundada em 1865, pelo engenheiro Uhlend. A instrucção é ministrada de forma a adaptarse especialmente ás necessidades praticas e ás exigencias da industria moderna. Fazem-se all cursos de engenheiros electricistas e de machinas; engenheiros electricistas ou machinistas; mestres de officinas e conductores. N'um dos ultimos annos andaram all 3.610 alumnos. Aquillo era uma Babylonia. Havia rapazes de todas as nacionalidades, que depois foram para os seus paizes contribuir para o largo desenvolvimento da industria. Os proprios allemães dizem julgar-se fóra da sua



1—O Technico de Mittweida, 2—Os estudantes socios do Club Luso-Brazileiro de Mittweida.



A rua Luthero, onde é a séde do Club
(A pequena cruz indica o edificio onde está installado o Club)

lumes dos melhores auctores. A direcção do club é actualmente composta pelos srs. Carlos Nascimento Ferreira dos Santos, Oscar Congeçu, Armando Pires de Lima, Alvaro Lino Jorge e Bernardo Morelli.

Todas as noites aquelles rapazes ali se reuñem em agradaveis palestras; aos domingos entreteem-se em varios exercicios no grande parque, que é realmente pittoresco, e fugindo das convivencias molestas, dedicando-se ao estudo, trabalhando, impondo dia a dia os nomes dos seus paizes n'aquelle centro fabril da Allemanha merecem que se registre a sua iniciativa, a fundação do Centro Luzo-Brasileiro de Mit-tweida.

A festa do anniversario jámais esquecerá áquelles excellentes rapazes. Um lauto jantar commemorou a fundação do club, um magnifico *menú* foi servido e na mais ruidosa e franca alegria se evocaram as duas patrias com as suas musicas e as suas canções. N'aquelle cantinho da Allemanha industrial, philoso-



O bilhete postal do Club

terra ouvindo falar tão variados idiomas n'aquella pequena cidade de vinte mil habitantes, a meia hora de Chemnitz—a Manchester allemã—que tem tres mil e quinhentas fabricas. E' em Chemnitz que está a grande fabrica Hartmann cuja especialidade são as grandes locomotivas e que recebe encomendas de quarenta e cincoenta machinas por uma só vez. — 14

Pois são estes futuros engenheiros, mestres d'officinas e conductores de machinas das duas nações irmãs que vivem n'esse club, n'uma comunidade digna dos maiores elogios e procurando estreitar cada vez mais as relações das suas patrias.

Esse club é um centro de conversa e de leitura onde ha duzentos jornaes dos mais lidos, revistas technicas e litterarias, vo-



Grupo tirado por occasião do jantar de commemoração do anniversario da fundação do Club

1º Anniversario
do
Club Luso-Brasileiro

Mittweida
em
16. Janeiro 1910

MENÚ.

Ja de pedras: culhetes à mão?
Alto papai! toca a comer!
Des Carlos Santos abra a sessão
Que a canja não arrefeça.

Com muita fé, à botanega
E com bastante, pedete n.º,
leguem-se as carpas, e sobry mesa
Jantem os viáveis em sustento.

Todos catins no
seu pade.
Seguem agora
bons comidões
Bellas galinhas
de fricassé
De verde variedade
acompanhadas.

Para quem temo todo liver
Por na diaz se ter pagado
Ainda ha conservas de apetreco
E bello roastbeef acompanhado.

Fructas diversas, pudim gelado
Café com leite à discreção
E, en o fim, um bom terminado
Vamos rapazes, animação!

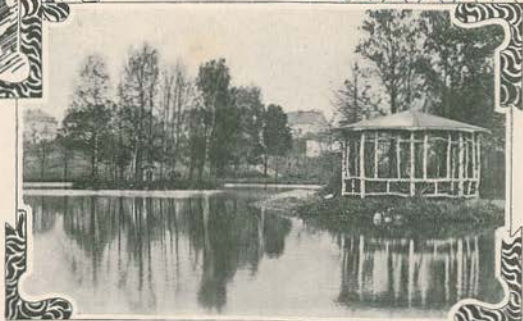
1-2-3



O menú do jantar do anniversario

plica e grave o espirito sentimental dos portuguezes e brasileiros brilhou e certamente, como em todas as nossas festas, a patria ausente foi recordada com o seu languido e triste fado.

D'ahi a annos quando todos estiverem nos seus logares, na labuta



2—O parque dos estudantes em Mittweida. 3—A praça principal de Mittweida.

industrial, gerindo as grandes fabricas, procurando aperfeiçoar as industrias ainda se não de lembrar d'aquelles momentos passados na terra extranha onde tiveram a arte de crear uma atmospheria familiar.

A' medida que forem regressando ás suas nações, outras camadas academicas entrarão em Mittweida a frequentarem com o Techico o club onde aquella generosa mocidade se liga por laços de sympathia que já mais se dissolvem e que são na verdade um grande tributo para a maior approximação de Portugal e Brazil.

E' essa a mais bella qualidade da instituição por todos os motivos notavel e que representa n'esse centro allemão um pouco dos dois paizes que vibram no mesmo sentimento de profunda amizade e que atravez de todas as vicissitudes já mais se poderão desligar.



CENTENARIO DE ALEXANDRE HERCULANO

NO PORTO

Lisboa celebrou em 29 d'abril, com um grande brilho, a commemoração do centenario do grande historiador Alexandre Herculano. Um cortejo civico imponentissimo sahio do Terreiro do Paço, para ir até ao templo dos Jeronymos depôr flores e corças sobre o tumulo do auctor



1—Alexandre Herculano. 2—O dr. Candido do Pinho, presidente da sessão solemne da Bibliotheca, tendo á sua direita o sr. Pedro de Araujo, governador civil do Porto e o consul de Hespanha e á direita os representantes do Atheneu e Centro Commercial. 3—Aspecto das ruas dos Clerigos, praça de D. Pedro e Santo Antonio occupados pelo cortejo. 4—Aspecto da passagem do cortejo na rua dos Carmelitas.

(Chiclé do sr. Carlos Pereira Cardoso)

A · C O M M E M O R A Ç Ã O · E M · L I S B O A

de tantas obras primas, do liberal honrado e sincero que, afastado da politica, cumpriu a mais alta das missões: a de falar verdade e em voz alta.

Creanças das escolas, uns seis mil pequenitos com os seus trajes claros, as suas cabecitas gentis erguidas de enthusiasmo, os pendões alteados, incorporaram-se no cortejo na Junqueira; musicas, collectividades de todos os matizes, associações operarias, clubs democraticos, professores, jornalistas, deputações das camaras municipaes, bandas regimentaes, officiaes de terra e mar, membros das camaras dos deputados e dos pares, tomaram parte n'essa manifestação cívica, que levou muitas horas a passar nas ruas

da cidade, em direcção a Belem.

Espectaculo grandioso foi esse em que o povo e os poderes publicos se associaram para prestar a maior das homenagens á memoria do grande escriptor. A Academia de Coimbra e de Lisboa, as deputações de estudantes de Beja e Setubal, n'um enthusiasmo bem proprio da sua mocidade e do acto que se commemorava, formaram uma ala de galhardia no cortejo.

A' entrada dos Jeronymos foi d'um bello effeito o desfile, as sim como diante do tumulo do grande historiador, que



A Academia de Coimbra esperando no Terreiro do Paço a organização do cortejo aos Jeronymos



está no claustro da Casa Pia.

O chefe do Estado estivera ali momentos antes e depuzera uma corôa sobre o monumento onde jaz aquelle que foi o mais devotado amigo de D. Pedro V e seu mestre em lettras.

Apoz a passagem do cortejo no mosteiro, a camara



1—As deputações das camaras municipais com os seus estandartes

2—O cortejo desfilando no Terreiro do Paço

3—Outro aspecto do cortejo: o desfile das creanças.



O sr. dr. José Maria Rodrigues á frente da Academia

municipal de Lisboa, acompanhada por muito povo, pela comissão executiva do centenario e alguns estudantes, foi á igreja da Boa Hora, proxima d'Ajuda, onde esteve installado o antigo

fensor das regalias municipaes; ao primeiro presidente da extincta camara municipal de Belem, Alexandre Herculano de Carvalho Araujo. Homenagem da Camara Municipal de Lisboa. Primeiro centenario do seu nascimento 1810-1910.» Tambem em varias cidades do paiz, e sobretudo no Porto e em Coimbra, se fizeram manifestações do mesmo genero e que revestiram um grande brilho.

Na vespera do cortejo que se realisou em Lisboa, houve um sarau no theatro de S. Carlos, a que assistiram o chefe d'Estado e o principe real, a camara municipal, a academia e os membros da commissão do cente-



Os alumnos do Vintem das Escolas



nario, fazendo o sr. Consiglieri Pedroso um discurso sobre a acção do grande homem de letras, e recitando o actor Brazão e a actriz Lucinda Simões trechos da obra de Alexandre Herculano. O Orpheon academico de

3—Varias collectividades no Terreiro do Paço. 4—O desfile do cortejo na Junqueira.

município de Belem, de que o historiador foi o primeiro presidente e ali descerrou a lapide collocada na fachada do edificio e onde se lê:

«Ao egregio cidadão de Lisboa; ao extremoso de-







- 1—O sr. dr. Bernardino Machado
no cortejo em Belem
2—Os alumnos do Centro Antonio
José d'Almeida
3—As alumnas do Collegio Evangelico.



4—As creanças das escolas primarias em Belem

Coimbra tomou parte no sarau sob a regencia do seu director, o estudante Antonio Joyce.

A Tuna Academica de Lisboa, regida pelo sr. Paiva de Magalhães, e a Tuna de Coimbra, dirigida pelo sr. Francisco Lima Macedo, tambem se fizeram ouvir, prestando assim o seu concurso a essa homenagem. Reinou sempre o maior enthusiasmo na festa em que a mocidade tomou parte, e em que durante algumas horas commovidamente se

evocou a figura austera do illustre historiador, cuja existencia foi um alto exemplo que com esta festa bem se accentuou.

D'esta fórma se commemorou o centenario do grande portuguez, que n'uma epoca em que começavam a apparecer as miserias politicas, se impôz, não só pelas exceptionaes qualidades da sua obra, mas sobretudo pelo seu impolluto caracter, recusando benesses e fa-



- 1—A' entrada dos Jeronymos
- 2—A corôa da Escola Academica
- 3—O vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa no acto de descer a lapide na casa do antigo Municipio de Belem, de que Herculano foi o primeiro presidente
- 4—O cortejo no largo dos Jeronymos (Clichés Benollet)

vores, commendas e hierarchias, desejando morrer como nascera: um simples filho do povo.

O TORNEIO DAS ESCOLAS DE LISBOA

NO VELODROMO
DE PALHAVA



1—O sr. José Stromp, vencedor da corrida de resistencia. 2—Os vencedores das provas de lançamento de disco, lançamento de peso e saltos em comprimento. 3—A equipe do Lyceu Passos Manoel que disputou até final com o Collegio Militar. 4—A equipe do Collegio Militar que ficou vencedora no torneio, ganhando as taças D. Manuel e Benavente. 5—A largada para a corrida de velocidade. — (Clichés Renouel).

FUENTES · NO · CAMPO · PEQUENO ·



1—O cavalleiro Manuel Casimiro,
no primeiro touro

2—Um bom par de bandarilhas

3—Ribeiro Thomé handarilhando.

4—Fuentes passando
de capote

5—Antonio Fuentes.





1—Fuentes toureando de mula. 2—Fuentes bandarilhando.
 3—Um ferro pelo cavalleiro Eduardo Macedo. 4—Uma péga.
 (Clichés Benolle)

COMO PRIMEIRO MINISTRO DE INGLATERRA PASSA AS FERIAS PARLAMENTARES



O primeiro ministro da Inglaterra a caminho da legação do seu paiz em Lisboa

O grande ministro inglez sir Asquith esteve em Lisboa. O hiate da marinha de guerra ingleza *Enchantress*, conduziu-o bem como ao seu collega do ministerio e primeiro lord do almirantado sir Mac-Keena.

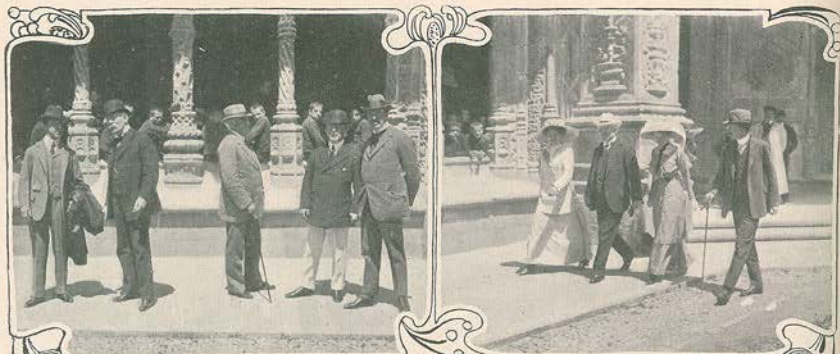
Sir Asquith, o illustre campeão liberal, o homem que tão ousadamente se lançou na lucta contra os lords, aproveitou as suas férias parlamentares ainda para trabalhar.

E' infatigavel esse homem de cincoenta e oito annos, a cujas faculdades se deve a tremenda batalha contra o conservantismo na Inglaterra. Depois de tantos trabalhos e cadeiras, de ter ainda que dirigir o governo da grande potencia, o ministro, quando o parlamento fecha, não descança. Não procura um retiro no arrabalde de Londres, de tão facil accesso, para, depois do seu dia passado no ministerio, poder repousar um pouco entre a sua familia. Não. Mandou preparar o hiate *Enchantress* conduziu-se consigo o seu collega da marinha, um almirante inspector e mais uns funcionarios superiores, e dirige-se ao nosso porto, visitou os Jeronymos, passou umas horas na legação ingleza, jantou no paço e deliberou partir, ao cabo



Na varanda do claustro dos Jeronymos

Asquith, o primeiro ministro d'Inglaterra



1—Nos claustros dos Jeronimos com o sr. ministro de Inglaterra, o sr. Mac-Keena e funcionarios

2—O sr. Mac-Keena lord do almirantado com o seu ajudante, sua cunhada e sua esposa

de dois dias em direcção a Cadiz.

Foi só isso que o primeiro ministro inglez veiu fazer a Lisboa?!

Vê-se, porém, que o grande homem não descança. As suas férias passa-as a trabalhar, porque mesmo que a sua visita a Lisboa não tivesse qualquer fim politico, é certo que a sua viagem tem por principal motivo Gibraltar e a esquadra do Mediterraneo.

O velho liberal quer naturalmente analysar a colonia, o que representa um devotado cuidado aos interesses do seu paiz, quer vêr

esquadra do Mediterraneo, visita-a com um fim desconhecido, mas que vae fazer um grande echo na Europa.

Quando reabrir o parlamento e



3 e 4—Funcionarios do sequito do sr. Asquith
5—Passando pela cidade: O sr. Asquith no trem em frente do ministro de Inglaterra em Portugal (Cliché de Benoit)



os deputados chegarem retemperados das suas terras, dispostos a novas luctas, tendo socego da excitação das paixões politicas durante as ferias, encontrarão á sua frente sir Asquith sorrindo e os lords verão na lucta, intemerato como sempre, o velho primeiro ministro, que enquanto os outros descansaram sempre trabalhou

O VENTRE DE LISBOA

Sob nenhum aspecto pode considerar-se bem tratado o estomago do portuguez.

A alimentação d'este povo é má e sobretudo cara. Só existe para elle uma categoria de alimento, o ordinario. A alimentação de luxo ainda não appareceu, a alimentação barata é desconhecida; não pôde haver-a. Se o ali-



O leite perigoso



Leite de cabra à porta do freguez

mento mau custa um preço alto, a alimentação compativel com as exigencias da magra bolsa e do esto-

dancia, não admira que Portugal, onde a pobreza se pode deduzir logicamente das leis, seja um paiz

mago não é para portuguezes.

Alimentar-se com suficiencia, embora de maus productos, só o pode o abastado.

A razão principal do que succede está nas más condições climatericas do paiz e mau aproveitamento das suas aguas. A terra produz pouco, de fóra não pode vir nada, a consequencia inevitavel é a fome e a miseria.

Ao povo trabalhador, sem leira nem beira, um unico recurso se offerece para evitar morrer, é fugir para terras onde ha pão com mais fartura.

Sendo a hygiene, o conforto, o luxo uma consequencia directa da abun-



O leite são—O estabulo modelar da quinta da Cardiga, cujo leite é vendido na capital pela *Nutricia de Lisboa*

que desco-
nhce as commo-
didades e praze-
res por tantos ou-
tros gosados.

Não seria preciso
mais nada para ava-
liar o estado de mi-
zeria d'este povo do
que vêr como elle se
alimenta.

Naturalmente,
qualquer creatura hu-
mana, sempre que
pode, a primeira necessidade
que procura satisfazer é aliment-
tar-se, sendo tambem a ultima
que sujeita a reduções.

Lisboa pode dar a synthese
do paiz, embora favorecida, por-



o pão, o lei-
te, a manteiga e
tudo.

As leis impe-
dem a concorrência e
por isso o productor
e o commerciante não
cuidam em melhorar
o producto.

Em Inglaterra a car-
ne para o rico tem
preço duplo da carne
para os desfavorecidos

da fortuna. Entre nós o preço
para todos equivale ao dos ricos
de Londres. Mas lá não exis-
te a prohibição da entrada da carne
d'outros paizes. Pelo contrario, todos
ali vão concorrer, a Argentina, a Hol-
landa, a Australia, a Nova Zelandia,



1—A mungidora na Cardiga

Uma manada de vacas nas pastagens
da Cardiga

que as condições do resto da popula-
ção não teem vantagens so-
bre a capital.

Se a alimentação
aqui é má, não é me-

lhor em Traz-os-Mon-
tes, nem no Algarve.

Ora a verdade é
que poucas capitais
da Europa offerecem
o triste espectáculo
que nós patenteamos
aos olhos dos extra-
nhos.

Os alimentos de
primeira necessida-
de, por serem escas-
sos, são maus. Fal-
ta a carne, o peixe,



As vacas da Cardiga são periodicamente postas á prova
da tuberculina, sendo as doentes regeitadas
para a produção do leite.

Nós temos de nos contentar apenas com
os bois magros que o paiz
produzir e em Lisboa so-
mos forçados a comprar
carne em numero limitado
de talhos.

Por isso temos um
matadouro sem os aper-
feiçoamentos moder-
nos, vêmos a carne
abatida ser transporta-
da em carroças como
se fôsse estrume, offe-
recendo aos olhos des-
acostumados um es-
pectaculo repugnante. Por
isso a maioria dos nos-
sos talhos é suja, mui-
tos cortadores não sa-

bem cortar e vendem-nos carne mal conservada.

Todo o abastecimento de carnes é feito sem um frigorífico, sem um resguardo, sem o mais elementar asseio, sem o mais insignificante cuidado em furtao ao consumidor a nausea que o aspecto do sangue causa.

Na Europa culta a carne é apresentada de modo a atrahir os olhos. A mostra d'um talho em Londres, em Amsterdam, em Paris, em Bruxellas excita os gulosos.

Uma costelleta merece ao cor-

nitamente a sua figura graciosa ao estrangeiro que n'ella encontra uma nota inedita, e um typo inconfundivel, mas é uma grande prova do nosso atrazo.

O pé descalço, o peixe decomposto que semeia pela cidade, a sua linguagem raras vezes parlamentar e o asseio tão precario que a distingue, não fariam grande falta se viessem a desaparecer.

Mas o lisboeta quer tudo á porta, embora o pague por maior preço e de peor qualidade. E por isso se conserva este commercio primitivo



O leite que vem para a Nutricia é transportado em bilhas selladas na Cardiga

tador umas attentões artisticas que ao lisboeta não é dado gosar. O papel, de cores, as verduras, as flores cercam os bifes humildes, talhados e promptos, com o preço convidativo impresso n'umas bandeirinhas, a que o portuguez seria capaz de chamar epitaphio.

Com o peixe os cuidados não são menores.

Dada a sua grande facilidade de decomposição, não ha marmota, por mais modesta que seja, que não passe pela baixa temperatura. O sol não se fez para os besugos, como entre nós succede.

O peixe sae da agua para o gelo, ou para o frigorífico e de lá para casa do consumidor.

A nossa peixeira pôde ser muito pittoresca e agradar infi-

e unico na Europa e talvez no mundo.

O nosso pão é o mais caro da Europa, fabricado em condições de immundicie que só os padeiros e os sub-delegados de saude conhecem. O processo é primitivo.

A fabricação mechanica que o limite de padarias nos prometteu, continua sendo um modernismo lá de fóra, incapaz de aclimatar-se. O lisboeta continua esperando o dia em que a machina o ha de livrar de comer pão amassado com o suor do rosto do padeiro, adubado com tudo quanto elle possa tirar do nariz, e preparado em casas que pôdem confundir-se com estrumeiras.

E depois de cozido até chegar á nossa, pôde passar por mãos de sarnento, de tuberculoso, de syphilitico, tamborhal pelo chão, rolar nas calçadas sobre excremento, tornar-se em summa n'um re-



positorio de imundície e agentes pathogenicos.

O pão de Griffiths dá-nos o meio de fugir a esse perigo. Faz-se o pão em casa. A creada protesta por ter de o fazer e não poder conversar com o padeiro, mas por fim acabará por se convencer de que a saúde vale bem a massada e o sacrificio de meio minuto de namoro.

Embora poucos o gosem por enquanto, não ha duvida que este alimento representa um serviço



prestado á hygiene alimentar. O leite não é tambem dos generos mais favorecidos. Pulverizado o commercio entre milhares de vendedores de muito reduzida clientella, torna-se impossivel qualquer fiscalisação seria, e são de nenhum valor moral os castigos de fraudes descobertas. O consumidor nunca sabe das escorregadelas do leiteiro. Mas sufficiente que fôsse a policia para cohibir a falsificação, não o seria nunca para impôr os cuidados hygieni-



1—O peixe no mercado da Ribeira Nova, depois de sahir dos barcos, é exposto o tempo sufficiente para entrar em decomposição. 2—Graciosas, esbeltas as peixeiras, não representam o ideal hygienico do commercio do peixe. 3—O padeiro: Quantos agentes pathogenicos pod-ra ter a saborosa crosta de pão, quando nos chega á bocca?

cos que este alimento requer.

O commercio dos leites em Paris, Londres, Berlim e outras grandes cidades da Europa é feito por um restricto numero de companhias cujas responsabilidades de nome são bastante grandes para inspirarem confiança ao publico.

Uma fraude descoberta podia ser a inutilização d'um capital enorme. Em Paris ha tres companhias vendedoras de leite. Apenas tres para uma cidade de 2 milhões de habitantes.

A vacca ambulante existiu em Napoles até ha dois annos. Actualmente existe apenas em Lisboa.

Em conclusão, o commercio de generos alimenticios entre nós está n'uma anarchia a que não será facil dar remedio.

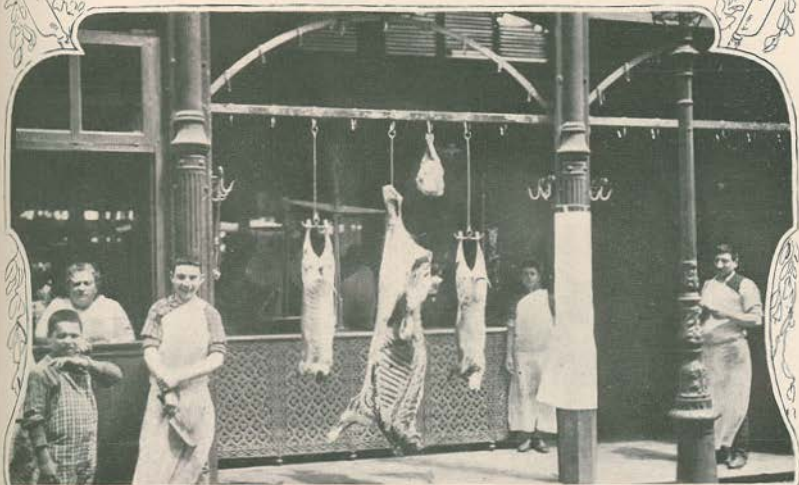


Predio da rua Augusta onde está instalado o instituto de hygiene alimentar
Nutricia de Lisboa

A escassez dos productos impede a fundação de grandes empresas que possam disciplinar os costumes.

As tentativas n'esse sentido tem sido quasi nullas.

Por varias vezes se tem falado em monopolisar para o municipio o leite e a carne, mas tal solução não é tão facil de rea-



A' porta dos talhoes: Exposta ao calor e ás poeiras a carne pôde decompor-se á vontade

lisar como os theoreticos suppõem.

O lisboeta está condemnado a comer mau e caro e ainda por cumulo a ser victima da fraude.

N'este cahos apparece agora uma entidade nova que se propõe tomar a questão a peito e resolvê-la.

Conseguiu-o-ha? Duvidaremos até que os resultados possam provar, serem as nossas actuaes condições economicas compatíveis com essas iniciativas, tanto mais louváveis quanto difficil é a situação.

A Nutricia de Lisboa tendo á frente como directores dois medicos trabalhadores e intelligentes promete nem mais nem menos do que resolver o problema da alimentação hygienica.

Garante-nos que já poderemos beber leite que seja leite, azeite,



A casa da venda da Nutricia de Lisboa



As crianças já teem onde tomar um lanch hygienico

manteiga, farinhas que não sejam um veneno. Ao mesmo tempo quer ensinar puericultura, educar as mães nos preceitos de hygiene alimentar e a todos nós ensinar-nos a comer.

Só nos faltava ainda esta escola!

E dizem que os alumnos mais distinctos teem como premio uma vida de muitos annos. Linda promessa, não ha duvida.

Nós contentavamos-nos com muito menos e o desgraçado povo que habita este paiz é tambem da nossa opinião com certeza. Já não seria mau viver pouco embora, mas que esses curtos annos ao menos se passassem fóra da escravidão da miseria, ignorando a fome e desconhecendo a necessidade de fugir através dos mares, d'olhos fitos n'um pão que para tantos, n'esta terra desgraçada, chega a ter o brilho d'uma estrella.

O brilho e a distancia.

E a isso que nos diz a Nutricia?

Pena é que não possa prometter tambem a solução do problema do pobre, como promette a do rico, porque, se de tanto fôsse capaz, bem merecia a classificação de obra de interesse publico pelo grande serviço que prestaria ao progresso economico do paiz.

O nosso atrazo provém da fome que o proteccionismo nos impõe.

Esta opinião porém vae muito d'encontro ao criterio do conselheiro Accacio patrão d'estes dominios occidentaes, e por isso ha de arripiar como heresia.

DR. FELIX



Uma lição de culinaria hygienica no laboratorio da Nutricia

(Clichés de Benolli)

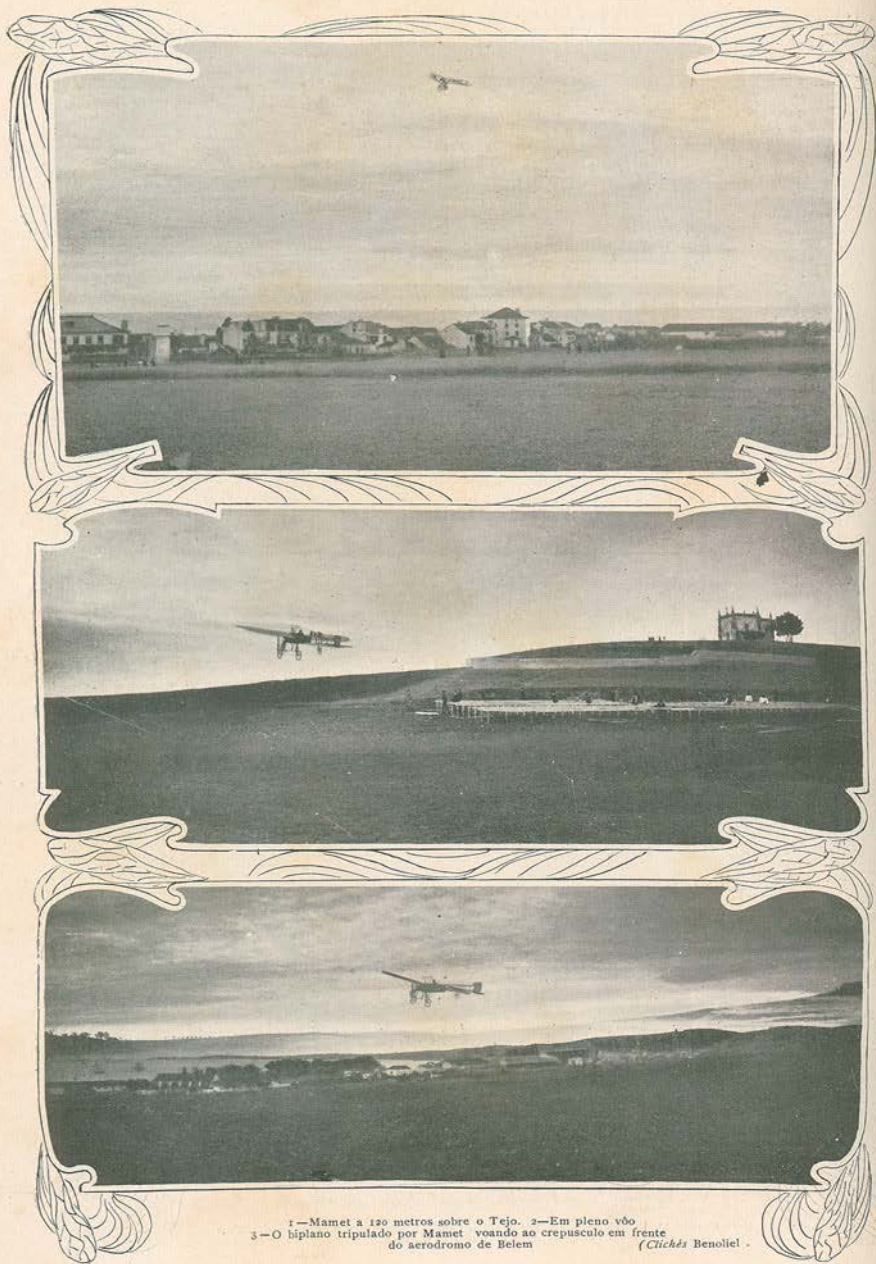
PELA PRIMEIRA VEZ LISBOA
VÊ UM HOMEM VOAR...



- 1—O aviador Mamet junto ao aeroplano Bleriot, com que vai executar a primeira ascensão aerea em Lisboa.
2—O aviador Taddeoli largando um pequeno aeroplano de ensaio
3—A partida de Mamet



- 4—O monoplano Bleriot, tripulado por Mamet, elevando-se sobre o aerodromo de Belem
5—Mamet, a 20 metros d'altura



1—Mamet a 120 metros sobre o Tejo. 2—Em pleno vôo
3—O biplano tripulado por Mamet voando ao crepúsculo em frente
do aerodromo de Belem (Clichés Benoliel.)